



A “cabeça” e o “corpo”: relações de gênero no pentecostalismo evangélico paraibano

Pollyanne Rachel Fernandes Maciel¹

As condições objetivas nas sociedades capitalistas contemporâneas, bem como a contribuição das teorias de gênero em geral e das feministas em particular têm despertado o interesse pela problematização das relações entre homens e mulheres.

Na conjuntura atual, na qual em muitas sociedades e setores desta as mulheres vão ganhando espaço, a cultura também se modifica e produz padrões mais abertos de socialização nos quais o feminino e o masculino sejam, senão iguais, em termos da distribuição de poder, um pouco mais simétricos do que anteriormente.

No campo religioso, em seu aspecto institucional, tradicionalmente dominado pelos homens, tem-se também refletido, em graus diversos – consideradas as diversas propostas de religiosidade –, a respeito das relações de gênero.

Nesse campo, entretanto, as mudanças são muito lentas e de difícil assimilação. Na maior parte do campo religioso perpetuam-se as estruturas tradicionais de gênero e da divisão sexual. Nas diferentes igrejas que compõem o cenário religioso nacional, as mulheres são, sobretudo, servidoras e subordinadas, tendo pouco acesso às esferas de decisão. A ideia de que essa é a *vontade de Deus* leva à naturalização da violência e dificulta a resistência e a denúncia.

Este artigo tem por finalidade discutir aspectos das relações de gênero no espaço religioso evangélico pentecostal paraibano, através da análise dos casos da Assembléia de Deus – representando o subcampo das igrejas pentecostais tradicionais – e da Bola de Neve Church – uma proposta de

¹ Mestre e doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: polly.rachel@gmail.com.



religiosidade mais recente e alternativa, representado o subcampo das neopentecostais²–, em Campina Grande, Paraíba.

Objetiva-se, ao recuperar os eventuais processos de reconfiguração e de permanência das relações de gênero nas comunidades de fé pesquisadas, destacar as noções de corporeidade e as representações de gênero que nelas circulam, bem como as práticas disciplinares por elas adotadas, entendendo a submissão imposta às fiéis como uma forma de violência de gênero perpetrada ora por meio da linguagem de gendramento dos gêneros, ora mediante tecnologias de poder que conformam a sujeição e a subjetivação dos sujeitos (BUTLER, 1999).

As discussões e análises apresentadas neste artigo são fruto de observações diretas realizadas na igreja BNC e em duas comunidades da AD em Campina Grande - PB, além da análise de documentos oficiais produzidos pelas denominações citadas e de entrevistas realizadas com fiéis, percursos metodológicos para elaboração da dissertação intitulada “Relações de gênero no espaço religioso pentecostal paraibano: comparação entre a *Assembléia de deus* e a *Bola de neve church*, em Campina Grande – PB”³.

Relações de gênero no pentecostalismo evangélico

Nossa cultura sempre moldou o que é ser homem e o que é ser mulher através dos contos que colocam a mulher como o sexo frágil que precisa ser protegida e dominada, enquanto o homem sempre foi visto como o sexo forte, que deve dominar.

Alguns comportamentos são definidos pela cultura como sendo pertencentes a um ou outro sexo, aos quais homem e mulher ‘devem recalcar para serem reconhecidos como homem e mulher’.
(NOLASCO, 1995 *Apud* FILHO, 2005, s/p).

² De acordo com Maranhão-Filho (2012), a BNC reproduz, majoritariamente, características do neopentecostalismo, mas esta categoria deve ser entendida como recurso heurístico e didático. Aqui entenderemos o neopentecostalismo enquanto um subcampo do pentecostalismo evangélico.

³ Maciel, Pollyanne R. F. *Relações de gênero no espaço religioso pentecostal paraibano: comparação entre a Assembléia de deus e a Bola de neve church, em Campina Grande – PB*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - UFCG, Campina Grande, 2015. Orientação de Lemuel Dourado Guerra Sobrinho.



Ao falar sobre os modos de produção dessa diferenciação que acaba por se naturalizar na forma de *habitus*, Bourdieu (2009, p. 127) afirma que os sentidos atribuídos ao corpo se revestem dos sentidos forjados na relação de oposição e diferenciação estabelecida na divisão sexual do trabalho.

Com relação ao pentecostalismo, Mafra (2012, p.126) destaca:

Na concepção pentecostal, um percurso de vida percorrido a partir da referência bíblica constituirá um corpo e uma subjetividade de gênero [...]. Sigo aqui uma pista dada por meus interlocutores pentecostais: segundo dizem, um dos primeiros frutos do Espírito Santo é o alcance de uma identidade feminina e masculina plenas.

Esse qualificativo empregado por Mafra em relação às identidade de gênero masculinas e femininas leva-nos a questionar o que é, em cada sociedade inclusiva, grupo religioso, isso ponderado na linha do tempo, considerado o *feminino* e o *masculino plenos*. Saffioti (1992, p.188) ressalta o papel fundamental das *instituições de poder* em legitimar os estereótipos sexuais: “o papel das doutrinas religiosas, educativas e jurídicas, sempre foi o de afirmar o sentido do masculino e do feminino, construído no interior das relações de poder”.

A tradição cristã é, em seu simbolismo e em sua hierarquia, sexista. De acordo com Giddens (2005), as principais igrejas cristãs estão entre as organizações mais conservadoras das sociedades modernas, especialmente a igreja católica. Como ressalta o autor, “as igrejas e denominações são organizações religiosas com sistemas definidos de autoridade. Nessas hierarquias, assim como em outras áreas da vida social, as mulheres são, na maioria das vezes, excluídas do poder” (*Idem*, p.434).

De fato, nas grandes religiões institucionalizadas, as lideranças femininas acabam sempre marginalizadas, reforçando a tradicional imagem de mulher submissa à autoridade religiosa representada pela figura masculina. Essa marginalização envolve espaços de liderança, acesso à formação e as relações hierárquicas nas estruturas institucionais. No caso do catolicismo, as ordens femininas são suprimidas do ofício sacramental e de todas as instâncias de decisão da Igreja, estando ligadas mais a obra social. No protestantismo, a condição inferior imposta à mulher está relacionada sobretudo ao exercício ministerial, hegemonicamente masculino (MACIEL & SILVA, 2012). Essa “inferioridade”, afirma Bourdieu (2011), é construída por



um processo social que naturalizou-se e está arraigada em diferentes setores da sociedade, revelando-se, principalmente, nas estruturas das Igrejas.

A maioria das igrejas cristãs, além de constituírem pilares sobre o qual se assenta a relação androcêntrica entre os sexos, inculca em seus membros a ideia de que submissão feminina ao homem é algo natural e necessária, adotando uma moral familiarista marcadamente dominada pelos valores patriarcais e fundamentada pelo dogma da inata inferioridade das mulheres (Cf. BOURDIEU, 2011).

A presença da mulher nas igrejas cristãs é maciçamente majoritária, mas em nível de deliberação e decisão tudo ainda está quase que totalmente concentrado nas mãos dos homens. Ainda que algumas denominações evangélicas comecem a revisar certas interdições, as funções e os cargos de liderança associados a habilidades *inerentemente* femininas, tais como a direção de escola bíblica dominical, organização de grupos de oração, cuidado das crianças e adolescentes, organização e decoração de interiores e atividades de menor visibilidade são comumente atribuídos às mulheres. De modo geral, a situação da mulher dentro da Igreja ainda é, muitas vezes, a de *mão-de-obra barata e eficiente*.

As mulheres aprendem, nesses espaços, a ser *femininas e submissas*, e são controladas nisto, embora também negociem espaços de liderança e exerçam sobre os homens vigilância e poder ao cobrarem nas definições de *masculinidade* o que lhes é favorável. Segundo Amussen (1985, p.271), “um sistema de divisão sexual de papéis muda lentamente, por deslizamentos de sentido graduais. E isso diz respeito às mulheres e aos homens. Eles aprendem a ser dominadores e ativos e elas, a serem submissas”, mas também dominarem, em certos campos e mesmo na distribuição geral de capital religioso – é nesse contexto que emerge a discussão sobre o ministério feminino.

Apesar das mudanças no mundo do trabalho e o gradual aumento da presença feminina em quase todas as áreas da vida pública, que leva a cultura a assimilar, mesmo que lentamente, novos padrões de socialização de gênero, as características essencialistas de feminilidade e de masculinidade



são propagadas nos discursos religiosos da AD e da BNC. Noções de masculinidade atreladas à ideia de força, liderança e a de feminilidade à sensibilidade, fragilidade ainda predominam, embora possam despertar questionamentos.

Para Mafra (s/d), o conservadorismo evangélico “corresponde a uma posição social *sui generis*: seu *ethos* e noções de homem e mulher alimentam-se em grande medida da continuidade à concepção ibero-americana e ao código de honra”. Para ela, apesar da existência de um *ethos* comum aos evangélicos, certo grau de generalidade no tocante à contraposição destes com outros segmentos sociais formuladores das concepções de gênero alternativas e competitivas, o modo como as relações sociais se estabilizam em cada rede de organização eclesial faz a diferença nas concepções de gênero. Assim, as relações de poder e as construções de gênero têm uma estreita afinidade neste segmento social, em forte medida, com a vida coletiva e com o estilo eclesial.

Nas comunidades da AD e da BNC pesquisadas em Campina Grande, ainda predomina um sistema de definição de gêneros que classifica e hierarquiza, de modo a favorecer o exercício do poder ao homem. Os fiéis apresentam em seus discursos representações de gênero produzidas nas relações que ocorrem cotidianamente na igreja e no lar. Apesar de reconhecermos que os indivíduos exercem uma certa negociação na absorção do que é ensinado hegemonicamente, destacamos que ao se converterem eles interiorizam gradativamente sistemas de significação transmitidos pela liderança eclesiástica, mantendo ou assumindo um novo modo de conceber e experimentar as relações de gênero.

A cabeça lidera e o corpo auxilia: a dinâmica das relações de gênero na Assembléia de Deus e na Bola de Neve Church

A AD é considerada, ainda hoje, como uma das mais tradicionais e sexistas denominações evangélicas, principalmente no que se refere à aparência e comportamento dos seus fiéis. Mulheres e homens



assembleianos sofrem, por exemplo, uma série de restrições indumentárias e comportamentais, sobretudo as mulheres.

A BNC, por sua vez, adota uma liturgia informal, estilo inusitado de pregação e louvores, distinguindo-se em muito dos cultos da AD. Utiliza-se um discurso coloquializado, modernizado, adaptado ao seu público⁴, promovendo, também, uma aparente flexibilização do discurso religioso, consequência “da organização denominacional e das atividades e estratégias evangelísticas implementadas por suas lideranças eclesiais (MARIANO, 2001, p.10). Com o intuito de recrutar novos membros, os pastores, à primeira vista, procuram apresentar a imagem de liberalidade e divulgar a ideia de que se opõem aos dogmas religiosos tradicionalmente associados ao *evangelicalismo*, o que na prática, não se confirma.

Ambas as comunidades de fé pesquisadas utilizam a mesma base bíblica para justificar a definição dos papéis e funções de gênero e lugares institucionais. Para legitimá-los, inclusive o silenciamento – frequentemente violento – das mulheres, textos *sagrados* são invocados, evocando a sua pretensa inferioridade em relações ao homem, inferioridade essa estabelecida pela própria *criação*, portanto *natural*, já que não pode ser *o corpo* – a mulher – a comandar a *cabeça* – o homem. O que está em causa é a hierarquização, inspirada na primeira carta de Paulo aos Coríntios⁵ onde se diz: “Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo”. Esta máxima contribuiu decisivamente para uma visão da mulher como subalterna e submissa aos homens.

De um modo geral, a opinião dos entrevistados da AD e da BNC, homens e mulheres, é a de concordância com a ideia de que “*o homem é o cabeça da sua esposa e o pastor é o cabeça da igreja*” (Assembleiana, 27 anos, solteira, ensino superior completo).

⁴ O público-alvo da BNC é constituído, de modo geral, por jovens, desportistas, universitários e/ou pessoas que se encontravam “desigrejadas” ou “insatisfeitas” com a denominação religiosa a qual pertenciam (MARANHÃO F^o, 2012, p. 86).

⁵ 1 Coríntios, capítulo 11, versículo 3.



Esta cosmovisão empurrou a maioria das mulheres para o domínio do privado, do lar, e para os papéis sociais relacionados com ele. Em níveis de deliberação e decisão, a maior parte dos postos de poder está quase que totalmente concentrado nas mãos dos homens.

Assim, nas denominações pentecostais tradicionais, como a AD, o princípio Paulino, sem grandes atualizações, marca profundamente as relações de gênero. De acordo com seus líderes,

“[...]Deus disse que o homem é cabeça, então se ele é cabeça, Deus o capacitou para ser cabeça. Deus disse que a mulher é ajudadora, então Deus a capacitou para ser ajudadora” (Pastor da AD, 68 anos, casado, ensino superior completo).

O conjunto dos entrevistados pactua e insere essa máxima em suas falas, inclusive os membros da BNC, como podemos observar nas falas a seguir:

“O homem é o cabeça da mulher. Na igreja e no lar ele vai tentar guiar. Por exemplo, no lar ele é o responsável para tentar guiar a família, proteger, no caso, não que a mulher não precise trabalhar, mas o principal provedor da casa é o homem. Ele que tem que ensinar os filhos, né? É mais direcionado para os homens. A mulher ajuda em toda essa função, mas a questão de liderar mesmo, de direcionar, guiar, de proteger, ela é especificamente do homem. Também na igreja, a questão de ensinar, de aconselhar, de tomar decisões [...]” (Assembleiana, 27 anos, solteira, ensino superior completo).

“Eu acho que a mulher pode estar em qualquer função, contanto que ela esteja debaixo dessa cobertura do homem, que eu falei há pouco. Justamente porque é um princípio de Deus. Não é algo de homens. Não pelo homem ser melhor ou maior, mas porque eu entendo que aquilo que Deus faz as vezes eu não entendo, mas é perfeito. Então eu não tenho dificuldade de aceitar isso não. Entendeu? Eu não me sinto menor, menos capaz. Na verdade, eu gosto de saber que eu vou estar debaixo da cobertura de um homem, porque isso é, até de certa forma, uma proteção. E até a Palavra fala que o homem vai ser cobrado, com relação a essa responsabilidade que ele tem. Os dois têm responsabilidades só que são responsabilidades diferentes, só isso” (BNC, solteira, 28 anos, ensino superior completo).

A gente é guiado pela Bíblia e a Bíblia diz que o homem é o cabeça. Então, a decisão final quem toma seria o homem, no caso. Mas a mulher tem espaço para dar opiniões” (BNC, 20 anos, solteira, superior incompleto).

Na igreja, o papel da mulher é destacado pelos entrevistados como sendo de *coluna* e de *auxiliadora*.

“O papel de coluna. Ela é a coluna de toda a igreja, né? A gente tem um pastor, que é o cabeça de tudo, mas a mulher, todas as mulheres daqui da igreja, elas são as colunas. Elas são preparadas para fortalecer, pra segurar a onda, pra ajudar no que for preciso. [...] se



ela é uma coluna, tem que ter uma cabeça” (BNC, casado, 31 anos, ensino médio completo).

“Creio que seria coluna na igreja. Ela dá força ao homem, ajuda o homem” (BNC, 20 anos, solteira, superior incompleto).

“A mulher tem o papel de auxiliar, de ser sábia e de conseguir equilibrar as coisas. Eu creio que esse é o papel da mulher na igreja. [...]A mulher é quem mais se encaixa nesse perfil. Então creio que Deus fez as funções dessa forma para que a coisa acontecesse” (BNC, 19 anos, solteiro, ensino médio completo).

A pressuposição da assimetria na divisão das tarefas é um dos lemas da concepção familiar hierárquica tradicional. Nas denominações pentecostais tradicionais, como a AD, ou mesmo nas denominações neopentecostais mais recentes, como a BNC, as mulheres são, na maior parte dos casos, as responsáveis pela limpeza, decoração e *arrumação* dos espaços/templos, confirmando a extensão do trabalho doméstico no trabalho religioso. Como destaca um membro da BNC, *“as mulheres, elas exercem cargos quase que iguais aos dos homens. Não igual, porque não seria bíblico, né?”* (31 anos, casado, ensino médio completo).

A BNC (re)afirma a hierarquia entre os sexos, sendo forte sua identificação com algumas posições conservadoras, uma vez que sustenta um dogma religioso que afirma o conservadorismo nas relações de gênero, apesar da aparente flexibilização dos costumes.

Trata-se de uma instituição que contribui para difundir os aspectos centrais das relações de gênero e da importância do casamento. Os cristãos da BNC reproduzem os padrões de beleza, o culto ao corpo perfeito e a ideologia da eterna juventude em vigor na sociedade contemporânea e rompem parcialmente com o perfil padronizado do crente tradicional, em busca por novos estilos de vida e novas aparências, que os distanciem das denominações pentecostais, como a AD. Contudo, à imagem de igreja espontânea e pouco tradicional, opõe-se a permanência de relações de gênero de caráter tradicionalista. Não é uma organização religiosa imune à modernidade, nem é absolutamente contrária aos costumes, tradições e prescrições de gênero. Essa ambiguidade, portanto, caracteriza as práticas cotidianas, as discussões teológicas e o sistema doutrinário da instituição eclesial.



A BNC, portanto, apresenta um perfil mais próximo ao *ethos* evangélico composto por um junção entre noções hierárquicas e igualitárias, oferecendo uma espécie de *continuidade-reformulada*. Nesta denominação, abre-se um espaço maior para a constituição ativa das mulheres do que nas ADs, mas continua se afirmando o homem como cabeça da família e da vida congregacional.

A AD se mostra contrária aos segmentos sociais formuladores das concepções de gênero alternativas e competitivas. Já a BNC parece tentar acomodar-se à sociedade mais ampla – ou a setores desta – e, simultaneamente, às posturas tradicionais e conservadoras.

Na Paraíba, as ADs não promovem mulheres ao ministério pastoral, diaconato e demais cargos da instituição, definindo esses lugares como destinados estritamente aos homens, permanece firme na sua decisão de vetar às mulheres os espaços definidores das crenças e política pastorais e organizacionais da instituição. Como acontece desde sua origem, as mulheres desta denominação têm uma atuação fundamental em termos práticos, porém secundarizada em termos da ocupação dos cargos acima citados.

A BNC relativiza, em parte, essa interdição ao permitir que as mulheres ocupem cargos de destaque e liderança, como o ministerial pastoral, mas de forma relativa, uma vez que este está atrelado ao ministério pastoral do marido.

A pastora exerce, portanto, a função de auxiliar, de *ajudadora* do ministério do pastor, seu *cabeça*. O *ministério de casais* segue a mesma lógica do homem – esposo, pastor – enquanto cabeça da esposa e da congregação e da mulher submissa e auxiliadora. Os discursos, entretanto, são marcados por uma dubiedade entre proatividade e submissão. Entretanto, o marido-pastor é o líder, como demonstrado nesta fala: “*Os dois trabalhando juntos. [...] só que ela não é a pastora mor, né? Realmente ela está debaixo dele*” (BNC, solteira, 28 anos, ensino superior completo).

Não apenas a liderança masculina, mas a feminina também transmite e perpetua saberes que impedem as fiéis de sua igreja questionamentos sobre



a dominação masculina no lar, na igreja e fora dela. Assim, termos como *cooperadora*, *ajudadora* e *auxiliadora* estão sempre presentes no discurso dos sujeitos pesquisados. Dessa forma, a imagem que a mulher religiosa faz de si própria e das outras mulheres fiéis, revelada em suas falas, convergem para um papel de figurante do protagonista homem no plano eclesial coletivo. Configurando justamente as condições de ocultamento do poder e de suas *verdades*, o que vem caracterizar, em termos bourdieusianos (BOURDIEU, 2007) a produção da violência simbólica manifestada na construção do consentimento e da devoção dos próprios sujeitos com as condições de sua dominação.

É importante observar as diferenças sexuais enquanto construções culturais, linguísticas e históricas, que incluem relações de poder não localizadas exclusivamente num ponto fixo – o masculino –, mas presentes na trama política; bem como investigar os discursos e as práticas que garantem o consentimento feminino às representações dominantes e naturalizadas da diferença, o que não excluiria que a incorporação da dominação às variações, manipulações, táticas, recusas e rejeições por parte das mulheres, complexificam as relações de dominação (MATOS, 2002, p.249).

Apesar das diferenças, ambas as denominações preservam o androcentrismo. Assim, reconhecer as mudanças em curso não contradiz a aceitação de que tanto na AD quanto na BNC os modelos idealizados de gênero no qual os papéis de gênero estão sedimentados, colocando a mulher como dependente e submissa ao homem, permanecem. O discurso religioso de ambas sacraliza a dominação de gênero.

A produção da *mulher virtuosa*

A conversão e o pertencimento a uma comunidade de fé pentecostal é também um processo contínuo de transformação do corpo feminino em um *corpo virtuoso*. Trata-se de naturalizar no corpo o conceito de *mulher virtuosa*. O corpo é o principal instrumento a ser educado. A docilidade deste é o caminho para se aprender a ser mulher e, assim, garantir que a família *prosper*.



Seja nos cultos e eventos de mulheres na BNC, ou escola dominical, reuniões de mulheres da AD – *reuniões ortopédicas*, os arquétipos da mulher cristã *virtuosa* estão sempre presentes, seja nas exortações, *sites* ou materiais. Na BNC, em um dos cultos para mulheres que observamos, a ministrante destacou de forma negativa o comportamento *instável* ou de *vitimização* que alguma mulheres esboçam no cotidiano *intra* e *extra* congregação, inclusive cita os dois conhecidos modelos de mulheres: Maria e o de Eva, em que a primeira seria um exemplo de equilíbrio e virtude e a segunda, desequilíbrio e falta de sabedoria.

Em um dos *Chá das Mulheres*⁶, a pastora de uma das comunidades da BNC de Natal, convidada para a ocasião, ao ilustrar sobre *como ser um mulher virtuosa*, distingue dois tipos de mulheres: a rixosa⁷ e a virtuosa⁸, ensinando as mulheres presentes a serem calmas, pacientes – inclusive e principalmente com os maridos –, dedicadas ao lar e as demais *funções da mulher*, além de terem força para enfrentar os problemas domésticos, do trabalho *etc.* Nos discursos começam a aparecer a definição de atuação feminina no *trabalho*, para além da *casa*, indicando uma agregação.

Como assinala Silva (2006, p.23), “na linguagem dos discursos com mensagens fundamentalistas e voltados para as mulheres, o jogo de palavras que varia entre doçura, mansidão, submissão, poder, força, realização”, conforme constatamos e pode ser exemplificado pela fala: “*A mulher tem muito poder sobre o homem e, muitas vezes, esquece que o sacerdócio é do marido*” (Diaconisa da BNC, ao *ministrar* em um dos *Cultos das Mulheres*).

Ao contrário da mulher rixosa – tipo de mulher que o rei Salomão considerava como “terror da vida” – a mulher virtuosa tem como qualidade a generosidade. Deve ser boa esposa, boa mãe e boa dona de casa – a *rainha do lar*, tendo a tarefa de *edificar a sua casa*. Assim, além da passagem bíblica acima discutida, uma outra é também bastante referenciada, seja nas falas dos entrevistados, nas ministrações ou nos *sites* e materiais das

⁶ Evento anual destinado às fiéis da igreja e convidadas com o objetivo de *pregar a palavra* e discutir assuntos *femininos*, realizado em 27 de setembro de 2014.

⁷ Descrita em Provérbios 21.9; 25.24 e 27.15.

⁸ Descrita em Provérbios 31. 10-11.



comunidades pesquisadas. A saber: “[...] toda mulher sábia edifica sua casa; a insensata, porém, derruba-a com as próprias mãos”⁹. A utilização recorrente dessas passagens apontam para o padrão tradicional de relações de gênero.

À mulher sempre se atribuiu a esfera privada – o lar –, tendo como função “natural” o cuidado e a educação dos filhos. Conforme destacado por Arán (2010), ainda tem sentido falar de sexo masculino e feminino, uma vez que são normas de gênero fortemente incorporadas. Entretanto, não são fixas, ou seja, não são nem uma substância no sentido biológico do termo, nem mesmo posições sexuadas permanentes. Por isso a constante vigilância e controle religioso.

Para Judith Butler (2009), as normas que governam a identidade inteligível são estruturadas a partir de uma matriz que estabelece a um só tempo uma hierarquia entre masculino e feminino e uma heterossexualidade compulsória. Neste sentido, o gênero não seria nem a expressão de uma essência interna, nem mesmo um simples artefato de uma construção social, mas sim o resultado de repetições constitutivas que impõem efeitos substancializantes, ou seja, o gênero é ele próprio uma norma. Uma identidade atenuamente construída através do tempo por meio de uma repetição incorporada através de gestos, movimentos e estilos.

O discurso religioso transforma as características desejáveis em *normais* e *naturais*. Os sujeitos, tornados genéricos, homogêneos e enquadrados ao padrão da normalização social, tendem a se adaptar e interiorizar o código de crenças sobre si, tornando-o uma espécie de segunda natureza¹⁰.

As assembleianas estão expostas a uma série de restrições e normas comportamentais, seja de usos ou costumes. A BNC é menos *rigorosa* quanto

⁹ Ver: Provérbios, capítulo 14, versículo 1.

¹⁰ De acordo com Bourdieu (2001, p.189), as *disposições* refletem o exercício da faculdade de ser condicionável, como capacidade natural de adquirir capacidades não-naturais, arbitrarias. São adquiridas pela interiorização das estruturas sociais. Portadoras da história individual e coletiva, são de tal forma internalizadas que chegamos a ignorar que existem. São as rotinas corporais e mentais inconscientes, que nos permitem agir sem pensar. O produto de uma aprendizagem, de um processo do qual já não temos mais consciência e que se expressa por uma atitude “natural” de conduzir-se em um determinado meio.



à aparência e vestimenta feminina, em comparação com a AD. Nela circula uma espécie de *ideologia da beleza*, em que o desejável, e mesmo ensinado, é a ideia de que as mulheres devem ser vaidosas e *estar sempre bonitas, cheirosas e apresentáveis para seus maridos*. Contudo, existe um limite nos padrões do que é *certo/virtuoso/errado/pecado* e a BNC também as controla neste sentido, conforme trecho da fala abaixo citada:

“você vai chegar aqui e provavelmente você vai ver em alguns momentos alguém com uma roupa que não tem muito a ver, mas provavelmente essa pessoa não é daqui, tá visitando, ou é alguém que é recém convertido. Pode ser uma ovelhinha rebelde também, mas em geral não é não” (BNC, solteira, 28 anos, ensino superior completo).

Observa-se a atuação das *neoconvertidas* para percebermos como esta questão é um fator de destaque na constituição de uma nova identidade coletiva, tornando-se um importante elemento do processo de conversão.

Em um culto destinado às mulheres, a ministrante, em sua fala sobre, dentre outras coisas, formas de se vestir que “agradam a Deus”, fez uma comparação entre as mulheres da BNC e da AD, destacando suas distinções em termos de estética e indumentária: “As roupas dizem muito sobre você. [...] Saia e coque lembram a mulher da Assembléia de Deus, estilo e tatoo [tatuagem], mulher da Bola”. Seus membros rejeitam o estigma e o rótulo do fiel da igreja pentecostal, considerado ultrapassado e anacrônico. Eles renunciam à aparência tradicionalmente estereotipada do evangélico, exibem nova imagem estética e novos hábitos comportamentais, buscando, em parte, assemelhar-se àqueles que não estão vinculados a nenhuma congregação evangélica. Contudo, a liderança da BNC empenha-se em coibir o considerado *vulgar*, além de coisas como o sexo antes do casamento e as relações extraconjugais, preconizando a virgindade e o casamento monogâmico e heterossexual. Embora a congregação pareça liberal e flexível, no cotidiano das relações institucionais ela utiliza vários mecanismos de censura e resgata códigos tradicionais de controle das relações de gênero e da sexualidade.



Considerações Finais

A pesquisa comparativa entre duas denominações pentecostais diferentes confirmou a hipótese de que as igrejas pentecostais de tendência mais tradicional – aqui representadas pela Assembléia de Deus – são mais apegadas ao modelo tradicional de gênero e resistente tanto à participação feminina na estrutura eclesial da congregação, quanto ao modelo familiar mais afinado com os padrões modernizantes – e em certa medida, mais igualitários – das sociedades urbanas. De forma geral, percebe-se uma postura um pouco mais flexível no tocante às questões de gênero por parte da igreja Bola de Neve Church, muito embora persista nesta um discurso conservador sobre os papéis de homens e mulheres. A perpetuação das estruturas tradicionais de gênero e da divisão sexual convive de modo aparentemente tranquilo com uma suposta liberação dos *usos e costumes*.

Nas comunidades religiosas pesquisadas, o poder da tradição ainda é forte e as relações de gênero ainda se apresentam desiguais. A AD apresenta ainda forte resistência à modernização dos costumes, persistindo práticas eclesiásticas centralizadoras por parte de sua liderança – masculina. Esse posicionamento a distancia da BNC, que renuncia à aparência estereotipada do evangélico, adotando nova imagem estética e novos hábitos comportamentais. Contudo, apesar da flexibilização de alguns costumes e da liberalização do padrão estético dos fiéis, mantém a argumentação central da dominação de gênero. Assim, a BNC assume uma postura mais flexível quando comparada à AD, mas ainda conservadora quando o assunto é papéis e funções de gênero, poder e lugares eclesiais. O discurso eclesiástico que normatiza e regula as relações de gênero é transparente, direto e assertivo. Este sistema de regulamentação encontra-se claramente definido e é transmitido aos fiéis através de uma linguagem informal e divertida, porém repetindo as argumentações paulinas, como o observado na AD. Ambas as comunidades de fé utilizam a mesma base bíblica para justificar a definição dos papéis e funções de gênero e lugares institucionais em especial da relação entre homens e mulheres – o princípio do homem enquanto *cabeça da família* e condutor da vida eclesial.



Nossa interpretação é a de que os padrões tradicionais de gênero, tão perceptíveis na AD, não foram totalmente revistos na BNC, tendo em vista que as entrevistas realizadas, bem como a observação direta dos cultos e atividades religiosas e análise dos *sites* da denominação, não revelam uma concepção significativamente diferenciada em relação às concepções de gênero observadas como hegemônicas na AD.

Reafirmamos a visão de que o campo pentecostal se constituiu marcado em termos de modelos androcêntricos de relações de gênero, perpetuando-os e conservando, pelo menos na maioria das denominações do referido campo, a defesa da distribuição desigual de poder entre homens e mulheres.

Referências

- ARÁN, Márcia. O gênero como norma e fonte de subversão e resistência. Entrevista. Instituto Humanitas Unisinos On-Line, setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/36228-o-genero-como-norma-e-fonte-de-subversao-e-resistencia-entrevista-especial-com-marcia-aran>>. Acesso em: 4 de ago. 2015.
- AMUSSEN, Susan Dwyer. Féminin/Masculin: le genre dans l'Angleterre de l'époque moderne. Annales ESC. Paris, vol. 40, nº 2, mar./apr., 1985.
- BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz, 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. *O Senso prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- _____. *A Dominação Masculina*. 10ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BUTLER, Judith. *Subjects of desire: Hegelian reflections on twentieth-century France*. New York: Columbia University Press, 1999.



_____. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

FILHO, Amílcar Torrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. Cadernos Pagu. n. 24 Campinas Jan./June 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000100007&script=sci_arttext#nota35>. Acesso em: 25 jul. de 2015.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MACIEL, Pollyanne R. F.; SILVA, Magnólia. G.C. A consagração feminina nas igrejas cristãs: uma comparação entre as igrejas católica e evangélica. In: IX Congresso de Iniciação Científica da UFCG, Campina Grande, 2012.

MAFRA, Clara. O percurso de vida que faz o gênero: reflexões antropológicas a partir de etnografias desenvolvidas com pentecostais no Brasil e em Moçambique. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32(2): 124-148, 2012.

_____. Mana. vol.2 n.2. Rio de Janeiro: Out. 1996. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131996000200013>>. Acesso em: Set. de 2014.

MARANHÃO Fº, Eduardo M. A. “Nós somos a dobradiça da porta”: notas preliminares sobre as mulheres na Bola de Neve Church. Mandrágora, v.18. n. 18, p. 81-106, 2012.

MARIANO, Ricardo. Análise Sociológica do Crescimento Pentecostal no Brasil. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo, 2001.

MATOS, Maria Izilda S. de. Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas. Margem, São Paulo, 2002, n.15, pp. 257-252.

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma crítica à análise de gênero. In: A desconstrução do masculino. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.de O., BRUSCHINI, C. (orgs.) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. pp.183-215.

SILVA, Eliane Moura da. Fundamentalismo evangélico e questões de gênero. In: SOUZA, Sandra Duarte (Org.) Gênero e religião no Brasil: ensaios



feministas. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p.11-27.